

MASCULINISMO E MISOGINIA NO PROGRAMA JOVEM PAN MORNING SHOW

Carla Montuori Fernandes*
Luiz Ademir de Oliveira**
Ana Luiza Vieira Morais***

O artigo visa a problematizar como discursos misóginos e machistas se disseminam a partir de movimentos do masculinismo, como a Red Pill. Parte-se do conceito de gênero (Scott, 1995) e de violência simbólica (Bourdieu, 2002), com enfoque na história da sexualidade (Foucault, 1988). Discute-se, ainda, um prelúdio sobre o conceito de masculinidade (Nolasco, 2001; Connel e Messerschmidt, 2013). Pretende-se recorrer à perspectiva teórico-metodológica da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para tentar identificar o discurso misógeno e sexista usado por Thiago Schutz na busca por deslegitimar a autonomia das mulheres, no programa *Jovem Pan Morning Show*. O texto identifica que discursos masculinistas, como os do influenciador digital Thiago Schutz, podem incitar ódio e violência contra mulheres e perpetuar estereótipos de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinismo. Misoginia. Red Pill. Violência Simbólica. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Em 3 de janeiro de 2023, o *coach* e influenciador de masculinidade Thiago da Cruz Schoba, ou Thiago Schutz, como ele se apresenta nas plataformas sociais, participou de uma gravação do Buteco Podcast,¹ um canal no YouTube. Durante a entrevista, o *coach* disse que se, numa situação hipotética, um homem estiver ingerindo determinada bebida, como,

por exemplo, o Campari,² ao chegar perto dele uma mulher e lhe oferecer uma cerveja, ele não pode aceitar. Segundo a explicação de Thiago, “a mulher tem muito essa coisa de tentar molhar o cara; tentar colocar o cara debaixo dela, mas isso não é na maldade, é como se fosse um teste realmente, né? Tipo assim, deixa eu ver quanto esse cara segura a opinião dele” (Elite Masculina, 2023). Em 31 de janeiro daquele ano, o influenciador postou, em seu perfil profissional no Instagram, Manual Red Pill Brasil, um recorte de cerca de 50 segundos com esse trecho da entrevista, que logo viralizou tanto entre os seus seguidores quanto entre pessoas fora do universo do masculinismo.

A atriz Livia La Gatto,³ no dia 13 de fevereiro de 2023, gravou um vídeo irônico na mesma plataforma, em que debochava de homens que promovem discurso de ódio contra as mulheres. Inclusive, fez referência direta ao vídeo

* Rua Doutor Bacelar, 1.212, Vila Clementino. Cep: 04026-002. São Paulo – São Paulo – Brasil. carla.montuori@docente.unip.br https://orcid.org/0000-0002-7625-8070

** Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Campus Dom Bosco. Praça Dom Helvécio, nº 74. Cep: 36301-160. São João del-Rei – Minas Gerais – Brasil. luizoli@ufs.edu.br. https://orcid.org/0000-0003-3959-980X

*** Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Rua José Lourenço Kelmer, s/n. Campus Universitário. Bairro São Pedro. Cep: 36036-900. Juiz de Fora – Minas Gerais – Brasil. analuizavieirast@gmail.com https://orcid.org/0009-0009-8980-725X

¹ O Buteco Podcast é um canal no YouTube, que surgiu em 7 de junho de 2022. Conta com mais de 4 milhões de inscritos e já teve mais de 200 mil visualizações. O intuito do canal é trazer conteúdos escondidos nas entrelinhas de forma descontraída.

² Campari é um *bitter* servido como aperitivo obtido pela infusão de sessenta ingredientes, combinados macerados num malte de água destilada e álcool. É fabricado pelo Grupo Campari, de Milão, Itália.

³ Livia La Gatto é uma atriz e roteirista, de 37 anos, nascida em São Paulo. Se destaca no Instagram através de críticas humorísticas em favor das minorias, como contra o machismo e o racismo, além comentar assuntos da atualidade. Sua conta tem mais de 290 mil seguidores.

do Campari, mas sem citar o nome de Schutz. Na madrugada do dia 26, a atriz recebeu mais de dez ligações dele pelo *Instagram*, além da seguinte mensagem: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe”. Além dela, as *influencers* Vanessa de Oliveira⁴ e Bruna Volpi⁵ também foram atacadas e denunciaram Schutz para a polícia. Thiago tornou-se réu do caso contra Lívia em março, após a conclusão do inquérito policial e o encaminhamento de denúncia pelo Ministério Público de São Paulo (MPSP), acatada pelo Foro Central Criminal da Barra Funda. O *coach* podia ser condenado de dois meses a seis anos, por ameaça e violência psicológica. Antes de se tornar réu, houve uma determinação para que mantivesse ao menos 300 metros de distância de Lívia e Bruna, sem poder ter contato virtual, nem estar no mesmo ambiente que as vítimas.

Contudo, em uma audiência *on-line*, que aconteceu no dia 9 de novembro, no Fórum da Barra Funda, o MPSP propôs a suspensão do processo por dois anos, que foi prontamente acatada pela justiça. Como condição para que isso aconteça, Thiago Schutz deveria se comprometer a comparecer bimestralmente por esse período a um cartório para assinar sua presença e justificar atividades profissionais. A medida prevê, também, que ele não saia da cidade onde reside, por mais de oito dias, caso não tenha autorização. Dessa forma, se Thiago não for processado novamente, o caso será arquivado e extinto, sem qualquer punição. É relevante mencionar que nenhuma testemunha, vítimas ou o acusado foram ouvidos, pois a proposta do MPSP aconteceu no início da audiência.

⁴ Vanessa de Oliveira, também conhecida como “Mulher Magnética”, é uma escritora, empresária, sexóloga, ex-atriz pornográfica e ex-garota de programa brasileira. Autora de seis livros de temáticas diversas, contracenou em três filmes de conteúdo adulto. Desde 2015, também possui um canal no YouTube e conta com mais de 750 mil seguidores no Instagram.

⁵ Bruna Volpi é cantora, musicista, educadora vocal e influenciadora. Bruna tem mais de 120 mil seguidores no *Instagram*. Seus vídeos nas plataformas sociais são focados na luta pelos direitos humanos e contra preconceitos, como machismo e LGBTfobia.

Para analisar movimentos do masculinismo, tomando como objeto de investigação as falas do influenciador Thiago Schutz, será analisado o programa *Jovem Pan Morning Show*, que ocorreu no dia 26 de junho de 2023, que teve como convidada a feminista Rozana Barroso.⁶ O programa, que contou com 2h03 minutos, tratou de temáticas, como masculinismo, misoginia, crítica ao feminismo, entre outros assuntos, ao convidarem, ao longo dos quadros, diferentes entrevistados. O apresentador Paulo Mathais, logo na abertura, anuncia que terá um confronto, intitulado por ele como um “ringue montado” entre a feminista Rozana Barroso e Thiago Schutz sobre masculinismo. *Morning Show*, apesar de se apresentar como um programa de debate, insere vários participantes para discutir sentados num sofá desde assuntos sobre discussões de gênero até focos sobre celebridades, utilizando uma linguagem mais informal. A atração principal, no dia, foi o “ringue montado”, conforme anunciado, entre uma líder feminista e o *coach* que criou o movimento Red Pill no Brasil. Foram, no total, 35 minutos dos 124 minutos do programa, o que representou 28,22%.

Tomando como *corpus* de análise o debate travado entre Rozana Barbosa e Thiago Schulz, que, em vários momentos, são interrompidos, tanto pelo apresentador como por convidados, será feita uma Análise de Conteúdo, com base em Bardin (2011). As categorias de análise são: (a) como o “masculinismo” e o feminismo são apresentados e confrontados pelos debatedores; (b) há um reforço de visões misóginas ou se procura abrir espaço para questionamentos; (c) o tom de entretenimento gera um esvaziamento do debate que deveria ser tratado de forma mais aprofundada e séria; (d) como é a atuação dos participantes a partir da compreensão de Goffman (2013) sobre as técnicas de encenação e de representação teatral.

⁶ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=IC1dfMqUjuo>.

SEXUALIDADE EM EVIDÊNCIA, GÊNERO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

As polêmicas envolvendo o *coach* remetem ao debate sobre machismo e misoginia. No entanto, como aponta Nolasco (2001), paradoxalmente, elas indicam a quebra do mito da masculinidade, na qual os homens, nos séculos XX e XXI, sentem-se cada vez mais fragilizados frente ao poder conquistado pelas mulheres. Em função disso, uma contraofensiva ou forma de tentar camuflar tal insegurança são os ataques ou discursos de ódio, carregados de preconceito contra as mulheres e as minorias.

Para compreender tais movimentos masculinistas, antes, faz-se necessário percorrer noções de gênero, com enfoque na sexualidade e violência simbólica. Isso porque, a partir desses conceitos, é possível vislumbrar as implicações na sociedade ao longo do tempo, que possibilitaram o surgimento de movimentos extremistas como o aqui tratado.

Segundo Scott (1995), o gênero é, em primeiro lugar, um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, como segundo elemento, uma forma primária de dar significado às relações de poder. Desse modo, a categoria gênero não se limita às questões que envolvem somente determinações biológicas, mas também aos espaços públicos, como a esfera do trabalho, que são predominantemente dominados pelos homens.

Em *Historia da sexualidade: a vontade de saber*, Foucault (1988) discute a história da sexualidade de forma não cronológica, enfatizando o dispositivo de sexualidade como uma prática discursiva, que também está relacionada com poder por lhe servir como ponto de passagem. Esse poder se desenvolve nas relações desiguais e móveis, presente nas intuições como família, escola e igreja, assim como é exercido tanto por dominantes quanto por dominados, pois existem diversas resistências neste jogo. Entretanto, para facilitar a compreensão da sexualidade, busco, neste artigo, um

enfoque cronológico tendo em vista certas percepções e pontuações do autor.

Foucault (1988) não menciona alguma definição de gênero, porém, é possível traçar associações com o tema a partir do estudo referido. Até o século XVII, o discurso sobre a sexualidade era sincero e tolerado: “As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade” (Foucault, 1988, p. 8). Com o surgimento da burguesia vitoriana, a sexualidade começa a ser censurada e restrita a apenas ao casal, no seio familiar, com foco na reprodução e possíveis sanções sociais aos que descumpriam as normas. A partir do século XVIII, a sexualidade passa por uma transformação, aparece a regulação através do discurso, com ares de sigilo e vergonha. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (Foucault, 1988, p. 34).

Entretanto, tal censura e repressão costumam levar a transgressão, ou seja, ocorre um paradoxo no modo como a sociedade e, no caso analisado, o movimento masculinista enxergam a sexualidade. Thiago Schutz, que se intitula como um homem conservador, em prol da família, divulgou na sua conta do Instagram um vídeo em que compara os gastos financeiros do homem para ter sexo com a esposa e com uma garota de programa, sendo a segunda hipótese a mais barata. Apesar de afirmar não ter intenção de incentivar o sexo extraconjugal, o *coach* demonstra essa dualidade em relação ao exercício da sexualidade. O livro analisado aponta a prostituição como um ponto de escape, já que o sexo matrimonial era cercado de recomendações e restrições. “Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados” (Foucault, 1988, p. 9).

Foucault (1988) inicia uma análise das formas de poder e controle sobre a sexualida-

de, com um foco particular nos homossexuais e nos considerados “anormais” ou “loucos”. Inicialmente, trata do ato de confissão, que cultivava o sentimento de culpa através de um discurso religioso e médico científico; vale-se deste também a categorização, por exemplo, homossexual e pedófilo. Na terceira parte, tem-se o poder e o prazer. “O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar” (Foucault, 1988, p. 44). Em outros termos, quem tem poder pode conseguir forçar uma recompensa que dê prazer, como é o caso do estupro, que vitimiza principalmente as mulheres.

Segundo o levantamento sobre estupro realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado em março de 2023, quanto às relações entre agressores e vítimas de estupro, notam-se quatro grupos principais: os parceiros e ex-parceiros, os familiares (sem incluir as relações entre parceiros), os amigos/conhecidos e os desconhecidos, em que há uma chance grande de os agressores exercerem poder sobre a vítima, divulgado em março de 2023 divulgado em março de 2023.⁷ Enquanto quem busca prazer pode se submeter a um poder, é possível de ser exemplificado com a pornografia de vingança, que acontece principalmente quando uma mulher troca fotos íntimas com determinado parceiro e depois pode ter a confiança quebrada e as imagens expostas. Por fim, o autor questiona o falso moralismo que se institui, em especial sobre a sexualidade.

Sob o ponto de vista de Foucault (1988), o século seguinte foi marcado pelo sexo tomado como uma prática fisiológica em busca da reprodução, mas também cresceu o interesse médico pela sexualidade, através da vontade de saber, que alude ao título da obra, apesar de ser sempre silenciada pelo discurso que, inclusive, é reconhecido através das leis. Desde a Idade Média,

nas sociedades ocidentais, o exercício do poder sempre se formula no direito (Foucault, 1988). E do mesmo modo, como já mencionado antes, a medicina é uma arma de controle discursivo, esta admite também confissões que podem culminar na patologização. Desse modo, “O século XIX tornou possível fazer funcionar os procedimentos de confissão na formação regular de um discurso científico, fazendo dela não mais uma prova, mas um sinal e, da sexualidade, algo a ser interpretado” (Foucault, 1988, p. 65). Ademais, houve uma retomada das artes do Oriente que valorizavam o corpo e o sexo, o que influenciou no despertar dessa ciência sexual. Além da medicina, a pedagogia com o controle do discurso sobre a sexualidade dirigido às crianças e a economia através do monitoramento demográfico mais estratégico. Sendo assim, “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (Foucault, 1988, p. 102). Esse aspecto do domínio da sexualidade por meio do controle dos corpos marca o biopoder, um dos conceitos foucaultianos:

A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas – escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações (Foucault, 1988, p. 132).

Como expõe Foucault (1988), mediante uma análise geral dos três séculos anteriormente citados, existem quatro grandes conjuntos estratégicos que cercam o sexo e que obtiveram eficácia: a historicização do corpo da mulher; a pedagogização do sexo da criança; a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Cabe atentar-se à primeira e terceira estratégias como formas de violência simbólica.

⁷ Ver em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-to-das-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>.

Bourdieu (2002) pontua que a dominação masculina acontece de forma simbólica e se torna natural até mesmo para as mulheres, o que ele define como violência simbólica. Para Bourdieu (2002), a dominação masculina vigente na sociedade foi incorporada e legitimada por hábitos taxinômicos binários, ou seja, as mulheres eram relacionadas aos fenômenos do interior e os homens aos do exterior. Essas estruturas, apesar de serem objetivamente tratadas como naturais, na verdade, são construídas para retirar o direito das mulheres de ocupar outros espaços na sociedade, como, nesse caso, o direito do livre exercício da sexualidade.

A histericização, discutida amplamente por Freud em suas obras, ao ser trazida por Foucault (1988), deriva dos discursos em que o corpo da mulher não foi desenvolvido para obter prazer, de forma que o papel feminino é exclusivo para a procriação. Assim, a mulher, por não ter sexualidade, é nervosa e histérica. Tal apontamento pode ser associado com *O livro das Red Flags: Manual Red Pill* (2021, p. 22), no capítulo 8, intitulado “Ela teve incontáveis parceiros sexuais”, a bandeira vermelha é colocada como um problema porque, segundo estudos não mencionados, a maior quantidade de parceiros sexuais aumenta a probabilidade de a mulher contrair infecções sexualmente transmissíveis, praticar traição, ter transtorno de personalidade e ser mãe solteira. Além disso, é ressaltada a chance de o casamento com uma virgem durar mais tempo. Por mais que a primeira frase que abre o capítulo alegue que não se trata da discussão de com quantos homens a mulher escolhe ter relações sexuais, é justamente sobre o exercício do poder feminino de ter prazer com múltiplos parceiros que a discussão se concentra, como se a mulher devesse ser estéril nesse sentido.

Quanto à socialização das condutas de procriação, além de a mulher não dever praticar o ato sexual se não for em busca de uma gravidez, há a necessidade de um dispositivo formal, como o matrimônio, para evitar que ela se torne mãe solteira – ou, mais adequadamente para as discussões atuais, mãe solo – quan-

do o pai da criança não participa da criação do filho, algo ainda carregado de preconceitos na sociedade. Schutz (2021, p. 15) traz a bandeira vermelha “Ela é mãe solteira” e enumera como desvantagens ao relacionar-se com uma mulher solteira: a busca feminina desesperada por um provedor, que tenha responsabilidade emocional e financeira (inclusive judicialmente, por socioafetividade) por um filho que não tem a carga genética do possível padrasto; não receber a “devida atenção” no relacionamento e haver a possibilidade de a mulher não querer ter mais filhos, ou seja, não propagar o sobrenome do parceiro.

Por fim, Foucault aponta uma importante ruptura sobre a sexualidade no século XX, “[...] é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais” (Foucault, 1988, p. 108). Exemplo disso é a pílula anticoncepcional,⁸ criada em 1960, nos Estados Unidos, e depois difundida mundialmente, que possibilitou às mulheres maior autonomia e segurança para exercerem a sexualidade com a diminuição quase total dos riscos de haver uma gravidez indesejada. Apesar de *História da sexualidade* (1988) ser apenas o primeiro de uma série de quatro livros, fica a dúvida sobre como Foucault desenvolveria a história da sexualidade no século XXI, pois o autor faleceu em 1984. Pode-se entrever que a evolução da abertura do discurso da sexualidade é lenta, passando por períodos de maior liberdade, como o século XX, e outros de maior repressão, como o século XVIII. E é notório que o masculinismo se aproveita dessa lógica de controle para disseminar seu discurso. “Saúde, progeneritura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo” (Foucault, 1988, p. 139).

⁸ No dia 18 de agosto de 1960, foi lançado o contraceptivo oral Enovid-10, a primeira pílula anticoncepcional, comercializada nos Estados Unidos.

MASCULINIDADE EM EVIDÊNCIA: o que é ser homem?

Conforme aponta Nolasco (2001), no livro *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*, entende-se a masculinidade como o acesso ao mundo de privilégios, liberdade e poder exercidos na esfera pública, vinculada ao estereótipo de homens brancos, heterossexuais, que, desde a era moderna, reivindica o espaço de herói. Tais construções são sociais, identitárias e historicamente ligadas ao poder hegemônico dos homens. Segundo Nolasco (2001), a masculinidade é uma ideia que agrega uma série de imagens que disponibilizam ao indivíduo o modo como ele deve agir diante das situações que enfrenta. Para isso, segundo o autor, as culturas criam e organizam mitos e heróis que geram identificações para que, na sociedade, aqueles que se espelham nessas figuras possam lidar consigo mesmos e com os grupos em que estão inseridos. Nesse sentido, a socialização dos “meninos” segue uma lógica que permeia a ideia de dominação, que deve não demonstrar afeto, sensibilidade e, principalmente, fragilidades. Mas o que Nolasco (2001) pondera é que cada vez mais os homens têm se fragilizado frente às situações cotidianas. A agressividade e a violência são marcas dessa forma de dominação, como também pode ser pensada a violência simbólica (Bourdieu, 2002).

Benedito Medrado (1997), ainda no século XX, já identifica este movimento que emerge entre os homens como uma contraposição às conquistas das mulheres e da comunidade de pessoas LGBTQIAPN+. ⁹ O autor afirma que os estudos sobre homens e masculinidades emergem como alternativa a mulheres e gays para definir seus espaços na política, na economia e nas questões relativas à sexualidade, no âmbito privado ou no público. Assim, buscam constestar as visões contra hegemônicas e garantir a dominação masculina.

⁹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e mais.

Kimmel (1998 *apud* Lima, 2018) aponta alguns pressupostos acerca da construção simbólica e social das masculinidades, entendendo que se trata de um produto histórico e cultural. Parte dos seguintes pressupostos: (a) as masculinidades oscilam em função de cada cultura; (b) transformam-se no âmbito de uma mesma cultura no decorrer do tempo; (c) mudam nas mais diferentes culturas, a partir de uma série de fatores que contribuem para a sua produção vista como hegemônica (identidades, signos e valores compartilhados etc.); (d) mudam nas próprias vivências individuais. O autor aponta, portanto, para o caráter mutável das masculinidades, visto que estas são produzidas no decorrer da própria história do sujeito (Kimmel, 1998 *apud* Lima, 2018).

Tais pressupostos são importantes para entender como, nos países ocidentais, os avanços dos movimentos feministas e de outras lutas no âmbito dos gêneros levaram a situações de desconforto nos padrões hegemônicos da masculinidade atrelada a um modelo heteronormativo. Hoje, cobra-se mais dos homens o cuidado com a beleza, com padrões estéticos, posições mais sensíveis em relação a valores, além do impacto com a inserção cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho e em lugares de poder. Obviamente, a partir de Kimmel (1998 *apud* Lima, 2018), percebe-se que houve uma série de redefinições do papel do homem e do que se entende como masculinidade.

No artigo “A Masculinidade como Construção Social: um olhar analítico comportamental”, Freitas, Sahium e Pitanga (2020) afirmam que, em cada contexto sócio-histórico, são esperados determinados comportamentos dos homens. Silva (2023) também destaca que, na sociedade atual, existem diversas identidades heterogêneas e, portanto, diversas masculinidades. Desse modo, os estudos sobre masculinidade foram importantes para captar as diversas vozes masculinas. Então, assim como Simone de Beauvoir¹⁰ (1949/1980, p. 9), ao

¹⁰ Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma escri-

frisar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, buscou argumentar que nenhum destino biológico, psíquico ou econômico pode definir a forma e os papéis que a mulher assume na sociedade. Da mesma forma, isso é perceptível que o mesmo acontece com os homens. Para os fins desta pesquisa, adota-se uma visão de masculinidade hegemônica que é:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245).

Connell e Messerschmidt (2013) apontam que o patriarcado criou uma cumplicidade masculina que foi de certo modo aceita pelas mulheres. Logo, apesar da hegemonia masculina poder ser exercida através da força, ela é alcançada principalmente pelos processos culturais e instituições. A Revolução Industrial e as grandes guerras mundiais transformaram o papel do homem na sociedade. Com a ascensão do movimento feminista e o avanço dos estudos de gênero, observou-se um crescente desconforto masculino em relação às mudanças sociais, revelando uma crise na masculinidade hegemônica. Arent (1999) a caracteriza como um medo após a perda dos homens do papel tradicional. Houve também novas responsabilidades, como maior busca das mulheres pelas divisões das tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Desse modo, uma parcela dos homens identificou-se com o masculinismo, que pode ser definido como “[...] movimento social conservador ou reacionário, que afirma que os homens sofrem uma crise identitária porque as mulheres, em geral, e as feministas, em particular, dominam a sociedade e as instituições” (Dupuis-Déri, 2009, p. 97). Entre as tora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. A citação faz referência ao seu livro, *O Segundo Sexo*.

vertentes do masculinismo, tem-se a Red Pill, que se desenvolveu principalmente em fóruns na internet, a partir do descontentamento em comum desses homens.

No livro *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, Muniz Sodré (2006, p. 94) aborda um conceito interessante, o bios virtual, que é a mídia moderna: “surge uma verdadeira forma de vida – o bios virtual, uma espécie de comunidade afetiva de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social”. Para tanto, o autor baseou-se em Aristóteles, que definiu três esferas existenciais para a harmonia e felicidade do homem: a política, os prazeres e o conhecimento; com o comércio sendo uma possível quarta esfera. Quando evocada essa quarta esfera já na definição de Sodré, tem-se que a mídia tradicional brasileira, como Rede Globo e *Folha de S. Paulo*, deu destaque para o movimento Red Pill a partir do caso de Lívia La Gatto, mas pouco repercutiu sobre a impunidade de Thiago Schutz decidida em novembro. Isso pode significar que existem outras demandas mercadológicas e sociais que contribuem para o silenciamento da discussão abordada.

Mas afinal, o que é Red Pill? A expressão é uma referência ao filme *Matrix* (1999), em que o personagem principal, Neo, deve escolher entre duas pílulas: a pílula vermelha, que permitirá que ele veja a verdade por trás da ilusão em que vive, ou a pílula azul, que fará com que ele esqueça tudo e retorne ao mundo de fantasia. O movimento, que surgiu a partir de fóruns na internet, prega que é necessário tomar a pílula vermelha para recuperar a virilidade perdida, principalmente nos últimos anos, com o avanço do feminismo.

Apesar de a metáfora da pílula vermelha do filme *Matrix* ser utilizada pelo Red Pill, e 21 anos após o lançamento da produção, uma das autoras, Lilly Wachowski, revelou, em uma entrevista à Netflix, que o filme nasceu da raiva que ela e sua irmã tinham do capitalismo e de formas de opressão. Ambas são mulheres trans que ainda não tinham revelado essas identidades na época

do filme. Ou seja, para as autoras, o filme representa a revolta com a sociedade que as duas sentiam antes de se identificarem como mulheres.

É impressionante como a obra foi apropriada e ganhou outra interpretação para servir ao propósito do movimento masculinista. “A emoção está aí a serviço da produção de um novo tipo de identidade coletiva e de controle social, travestido na felicidade pré-fabricada” (Sodré, 2006, p. 51). Outro ponto refere-se ao poder estético e sensível que as palavras “Red Pill”, “alfa” (homem viril), e “beta” (homem fraco) carregam para afirmar a identidade e soberania dentro da machosfera. “As táticas de discurso hitleristas configuram-se primeiramente, como estéticas, na medida em que, com toda exaltação fanática, legitimam pela dimensão sensível as suas convicções políticas e religiosas” (Sodré, 2006, p. 74).

Também existem outros grupos de masculinidade famosos na internet. Os *Incel* autointitulam-se “celibatários involuntários”, culpam as mulheres por não conseguirem ter relações sexuais e estimulam violência contra qualquer grupo sexualmente ativo. Inclusive, vários homens que realizaram atentados em escolas nos Estados Unidos e no Brasil participavam de fóruns na internet de *Incel*. Já os Men Going Their Own Way (MGTOW), uma sigla que significa, em português, “homens seguindo o seu próprio caminho”, acreditam que a sociedade deve romper com as mulheres porque, segundo eles, o feminismo tornou as mulheres perigosas. O Southern Poverty Law Center, organização americana que é referência no monitoramento de movimentos extremistas, define o MGTOW e a Red Pill como grupos de supremacia masculina que querem subjugar as mulheres.

Nos vídeos publicados pelo *coach* em seu Instagram, são disseminados machismo e misoginia, a partir dos conceitos do movimento. Com mais de 300 mil seguidores e ao menos três postagens semanais, Schutz assume que as mulheres que usam roupas curtas, mas que estão em um relacionamento sério, buscam ser validadas e desejadas sexualmente por outros

homens e dessa forma gerar insegurança no parceiro. Isso significa, na verdade, uma tentativa de que o homem possa ter o direito de controlar os corpos, incluindo as vestimentas, das mulheres, numa clara demonstração de dominação masculina (Bourdieu, 2002). Ademais, para estar em um relacionamento amoroso, é necessário que a mulher sirva o “seu homem”, que este, inclusive, é um dos problemas da infelicidade feminina, quando não querem servir e só serem servidas. Isso porque, para Schutz, as mulheres recebem proteção física, financeira e emocional, então devem retribuir ao parceiro amoroso. Em *O livro das Red Flags: Manual Red Pill*, o influenciador traz 30 bandeiras vermelhas de comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno. Entre eles, estão ser mãe solteira, feminista, ter tido vários parceiros sexuais durante a vida, gostar de baladas e até mesmo ter muitas tatuagens e *piercings*. É possível entrever a busca pelo controle do corpo e “moral” feminina, assim como a submissão da mulher ao homem.

Segundo a pesquisa *Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*,¹¹ do *Datafolha* a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)¹² todas as formas de violência contra a mulher aumentaram no Brasil em 2022. Publicada em março de 2023, a pesquisa revelou que mais de 50 mil mulheres sofreram violência diariamente no ano anterior. Entre as categorias apontadas, cabe no caso de Livia La Gatto, amedrontamento e perseguição, que aumentou 13,5% naquele ano; e ameaça com faca ou arma de fogo, com alta de 5,10% em 2023.

De acordo com a reportagem “Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas”, assinada por Clara Ve-

¹¹ Pesquisa da *Datafolha* encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública realizada a partir de 2.017 entrevistas, sendo 1.042 mulheres, das quais 818 responderam o bloco sobre vitimização. Os questionários foram feitos nos dias 9 e 13 de janeiro de 2023. A margem de erro máxima é de três pontos percentuais. Para essa pesquisa, o instituto ouviu jovens a partir de 16 anos.

¹² O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) é uma organização não governamental, apartidária, e sem fins lucrativos que se dedica sobre a área de segurança pública no país.

lasco, Felipe Grandlin, Marina Pinhoni e Victor Farias, do *Portal G1* e publicada em 8 de março de 2023, o levantamento aponta que o Brasil bateu recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas, pelo simples fato de serem mulheres (Velasco; Grandlin; Pinhoni; Farias, 2023). O número é maior desde que a Lei de Feminicídio¹³ entrou em vigor, em 2015. É importante observar que a alta com o recorte de gênero também é maior do que os números dos assassinatos no geral, que foram os menores desde 2007, quando o FBSP começou a coletar os dados. Ainda de acordo com o balanço mais recente, divulgado pelo FBSP já em novembro de 2023, os feminicídios mais uma vez tiveram alta. Foram 2,6% a mais em 2023 do que nos primeiros seis meses de 2022: 722 assassinatos no total, o maior número da série histórica.

Tendo em vista o cenário atual de crescimento de violência contra a mulher, o caso de Thiago Schutz contra Lívia La Gatto e os conteúdos misóginos que o *coach* publica levantam perguntas de que modo um movimento do masculinismo, conhecido no Brasil como machosfera, em específico o Red Pill, estimula a desigualdade de gênero, a violência contra mulher e consegue sair impune judicialmente. Do mesmo modo, como o Red Pill constrói uma masculinidade tóxica para jovens e adolescentes a partir do acesso desses conteúdos em plataformas digitais (Instagram e o YouTube). E, ainda, como o Red Pill, a partir das representações sociais misóginas que cria, busca influenciar os relacionamentos amorosos heterossexuais e o exercício da sexualidade. Para o presente artigo, focaremos no debate ocorrido entre Thiago Schutz e a feminista Rozana Barroso, no programa *Morning Show*, da Jovem Pan, em junho de 2023, veiculado no YouTube. Foram 35 minutos dedicados ao confronto discursivo, mesmo que com interrupções feitas por outros convidados, de um total de 124 minutos no total.

¹³ A Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/15), configura o assassinato de mulheres por serem mulheres, pode envolver violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. A lei é uma qualificadora do crime de homicídio, que prevê pena de 6 meses a 20 anos. Quando enquadrada como feminicídio, a pena pode subir de 12 a 30 anos.

ESTUDO DE CASO: a Polêmica de Thiago Schutz no Programa *Morning Show* da Jovem Pan

Para a pesquisa bibliográfica, foram utilizados autores que tratam de gênero, violência simbólica e sexualidade (Bourdieu, 2002; Foucault, 1988; Scott, 1995). Quanto à pesquisa documental, a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2011), pretende-se analisar a participação de Thiago Schutz no programa *Morning Show* em 26 de junho de 2023, por meio da gravação disponível no YouTube. O programa teve a duração de 2h02, sendo que foram dedicados 35 minutos para o debate entre o *coach* Thiago Schutz com os comentaristas do programa e a convidada feminista Rozana Barroso. Com base em Bardin (2011), a Análise de Conteúdo, aqui acionada, é feita por três etapas: (a) pré-análise em que se familiariza com o corpus a ser analisado – no caso o programa que foi veiculado em 26 de junho de 2023, concentrando nos 35 minutos dedicados ao debate; (b) fase de categorização – quando, a partir da leitura flutuante, consegue definir categorias para nortear a análise; (c) fase de inferências quando se estabelece o diálogo entre as evidências empíricas e as teorias trabalhadas.

Foram definidas como categorias de análise: (a) “masculinismo” *versus* feminismo; (b) há um reforço de visões misóginas ou se procura abrir espaço para questionamentos; (b) a atuação dos participantes a partir da compreensão de Goffman (2013) sobre as técnicas de encenação e de representação teatral.

O programa *Jovem Pan Morning Show* e a trajetória de Thiago Schutz

O programa *Jovem Pan Morning Show* (também conhecido como *Morning Show*) é um programa multiplataforma brasileiro criado por Tutinha, presidente da *Jovem Pan*, e Marcelo Eduardo, diretor de programação da emissora na época. É transmitido pela rádio *Jovem Pan*

FM e pelo canal Jovem Pan News. Atualmente, é apresentado por Paulo Mathias e tem a colaboração de Felipeh Campos. É baseado num modelo de programa norte-americano. Em 27 de outubro de 2021, passou a ser transmitido pelo canal de TV *Jovem Pan News*, em simultâneo com a rádio FM. A emissora Jovem Pan, que sedia o programa *Morning Show*, possui viés ideológico de direita e, inclusive, seus comentaristas apoiaram abertamente os atos golpistas que tentaram derrubar os três poderes em 8 de janeiro de 2023, com a invasão em Brasília.

No dia 26 de junho de 2023, Thiago Schutz, influenciador e membro do movimento Red Pill, participou de um debate com a bancada do *Morning Show*, com a duração de 34m40. Durante a discussão, foram abordados os eventos que o tornaram conhecido nas redes sociais, como a polêmica envolvendo “a cerveja e o Campari”, bem como suas declarações sobre mulheres mais velhas terem “menos valor”. O debate contou também com a perspectiva feminista representada por Rozana Barroso.

Além do programa a ser analisado, Schutz já marcou presença no *reality show* de relacionamento *O crush perfeito*,¹⁴ da Netflix, em que fracassou na busca por conquistar uma mulher, mas a maioria dos programas que frequenta são *podcasts* com transmissão no YouTube, como *Buteco Podcast* (já citado anteriormente), *Life Cast*,¹⁵ Ricardo Ventura,¹⁶ entre outros. No entanto, não foi encontrada participação em TV aberta.

Thiago da Cruz Schoba nasceu em 18 de junho de 1988, e é natural de Salto, no interior de São Paulo. Conhecido como Thiago Schutz, atualmente tem 346 mil seguidores em seu

perfil do Instagram, Manual Red Pill (o nome da conta foi alterado para: Thiago Schutz, em novembro de 2023). Outro perfil que levava o nome do *influencer* e tinha 45 mil seguidores foi extinto na mesma época. Segundo a apresentação em seu *site*, Schutz estudou Engenharia Elétrica e Publicidade e Propaganda.

É autor dos seguintes livros: *Red Pill 2.0*, conforme o referido *site*, este é o livro Red Pill impresso mais vendido do Brasil; *Pílulas de Realidade*; *O livro das Red Flags: Manual Red Pill*, que consta com mais de mil downloads em 24h desde o dia do seu lançamento; e o mais recente: *Pílulas de Realidade 2*. Consta que Thiago oferece mentoria individual e em grupo para homens que têm problemas relacionados à interação com as mulheres ou à falta de propósito em suas vidas. Os cursos promovidos têm a intenção de ensinar os homens a seduzir as mulheres e a serem mais racionais e menos emocionais. Além disso, Schutz é apresentador do *podcast Pink & Pill*, que vai ao ar, semanalmente, no YouTube e tem mais de 20 mil inscritos.

Após o ocorrido com Livia La Gatto, o *coach* ficou conhecido como “o calvo do Campari”. Por causa da associação com o machismo de Schutz, a marca Campari emitiu uma nota para afirmar que não tem nenhum vínculo com o influenciador. Na notícia “Empresa de bebida diz que nunca teve contato com ‘Coach Campari’”, acusado de ameaçar atriz, e se solidariza com vítimas de misoginia”, postada pelo *Portal G1*, em 27 de fevereiro de 2023.¹⁷ Segundo informações do *site* Splash (2023), atualizadas no último mês de novembro, Thiago Schutz faliu e, provavelmente, teve a monetização que recebe a partir dos vídeos do YouTube afetada. Isso porque em junho de 2017, o *coach* foi processado por uma gráfica. Na época, Schutz reconheceu oficialmente dever R\$ 18,5 mil e fez um acordo de pagamento da

¹⁴ De acordo com a plataforma de streaming Netflix, o *reality* consiste em pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais que deixam os aplicativos de namoro para buscar um novo amor cara a cara. Estreado em 2020, a produção possui apenas uma temporada com seis episódios.

¹⁵ O *podcast*, que foi criado em 2022, segundo a biografia no YouTube, é sobre desenvolvimento mental, emocional, espiritual e físico.

¹⁶ Iniciado em 2020, o canal mostra partes de assuntos que rolaram ao vivo em entrevistas, *podcasts*, análises, entre outros lugares que Ricardo Ventura compartilha seus 25 anos de experiência como estudioso da mente humana.

¹⁷ Da Redação. Empresa de bebida diz que nunca teve contato com ‘Coach Campari’, acusado de ameaçar atriz, e se solidariza com vítima de misoginia. *Portal G1 SP*, 27 de fevereiro de 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/27/empresa-de-bebida-diz-que-nunca-teve-contato-com-thiago-schutz-o-coach-campari-acusado-de-ameacar-atriz-e-se-solidariza-com-vitimas-de-misoginia.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

dívida. A negociação fixou uma entrada de R\$ 2,6 mil e outras seis parcelas consecutivas do mesmo valor. No entanto, do valor total, Thiago quitou apenas R\$ 4,9 mil. A partir da soma de juros e encargos, a dívida atual chega a R\$ 14,5 mil. Para obter o restante do pagamento, a gráfica fez à justiça um pedido para que os ganhos de Thiago em seu canal oficial no YouTube sejam penhorados. A defesa do *coach* declarou que a justiça ainda não autorizou o bloqueio dos ganhos do *influencer* e afirmou que se trata de um “caso comum”. Desse modo, supõe-se que um dos motivos para a mudança nas contas do Instagram de Schutz, ocorridas na mesma época que a reportagem teve acesso ao processo, possa ser de ordem financeira.

Análise de Conteúdo

Para desenvolver a análise de conteúdo, focamos em duas categorias de análise. Em primeiro, o confronto entre a ideia de masculinismo *versus* feminismo, respectivamente com as defesas feitas por Thiago Schutz e Rozana Barbosa. A segunda categoria prioriza a questão da representação teatral, conforme aponta Goffman (2013), tanto em relação à atuação dos participantes, à entonação da voz, ao cenário e aos ruídos provocados por outros participantes do debate. A terceira categoria foca no debate sobre violência simbólica contra as mulheres e as questões sobre a sexualidade

Masculinismo versus Feminismo

Como primeira categoria de análise, busca-se examinar como ocorreram os confrontos entre o masculinismo defendido por Schutz e o feminismo segundo a perspectiva de Rozana Barbosa. No programa, Schutz, representante do movimento Red Pill, senta-se ao lado de Rozana Barroso, uma ativista do feminismo. Estão presentes o apresentador Paulo Mathias, que conduz o debate, e mais dois convidados

que realizam perguntas e comentários eventualmente; assim como ao fundo por chamada de vídeo aparece a atriz e influenciadora bolsonarista Antônia Fontenelle¹⁸. Questionado sobre o que é o Red Pill, o influenciador diz “conseguir enxergar a dinâmica do sexo e da vida como ela é, não como a gente gostaria que fosse” (Schutz, 2023). Também esclarece que o movimento não tem nada contra as mulheres e, como se pudesse comprovar isso, cita que namora e que a respectiva parceira está nos bastidores da plateia acompanhando-o.

Apresentador (Paulo Mathias): Bem, eu sei que vocês se odeiam, mas eu queria que vocês explicassem o movimento que vocês representam. Quero que você explique em um minuto o que é Red Pill.

Thiago Schutz: Muito bom! Achei que você fosse deixar para as mulheres falarem primeiro, afinal as damas primeiro, mas vamos lá. Red Pill – direto e reto – encara a vida e os relacionamentos como eles são na realidade e não como a gente gostaria que fosse. Este é o primeiro ponto importante. Nesse meio a gente vai colocar que as dinâmicas do sexo e dos relacionamentos, quer dizer logo de cara – e isso não significa que a gente tem nada contra as mulheres até porque eu namoro –, que a gente é um pouco mais racional nos relacionamentos (Thiago Schutz [...], 2023).

Fica evidente, mesmo que numa fala rápida e cheia de cortes, até pelos ruídos causados por terem vários convidados, que Schutz aciona estereótipos que reforçam a visão machista e androcêntrica. Primeiro, ele já sinaliza para uma visão tradicional até na forma de homens e mulheres dialogarem, ao enfatizar que “as damas primeiro”. Isso, supostamente, pode parecer gentileza, mas é uma demonstração de que, na visão misógina, entende-se que, por serem mais frágeis, deve-se dar a voz primeiro às mulheres, até porque, de forma latente, quem fica com a fala final são os homens. Em seguida, o influenciador remete a outro lugar comum na suposta diferença de sexos, a de que os homens são mais

¹⁸ Antônia Fontenelle de Britto é uma *youtuber*, vlogueira, atriz e apresentadora brasileira. Entre polêmicas que envolvem o seu nome, estão ter sugerido que o também *youtuber* Felipe Neto fazia uso de drogas ilícitas e por difamar a atriz Klara Castanho, esta que foi estuprada e entregou o bebê fruto do abuso para a adoção, teve o caso exposto na internet por Leo Dias, Adriana Kappaz e a própria Fontenelle.

racionais, inclusive “nos relacionamentos e nas dinâmicas de sexo”. Isso tem implicações na maneira como os homens podem se envolver além das relações monogâmicas, mesmo que seja apenas em termos de “relação sexual”, pois eles são racionais e não se envolvem afetivamente. Já às mulheres, na visão de Schutz, apresentam uma maior sensibilidade, que é percebida negativamente e até como uma forma de repressão em relação à sexualidade (Foucault, 1988).

Rozana, por sua vez, é defensora da educação, da luta antirracista e do movimento emancipatório do povo, em especial, o feminino, principalmente negro. Quando é convocada a falar do movimento feminista pelo apresentador, ela apresenta um posicionamento crítico em relação ao masculinismo. Diferente da postura do influenciador digital que, para falar do masculinismo, recorre até a questões pessoais, como o fato de namorar uma mulher, a líder feminista foca num debate voltado para a dimensão pública e coletiva.

Apresentador (Paulo Mathias): Rozana, o que é feminismo na sua ótica?

Rozana Barbosa: Eu sou uma grande apaixonada por debates até porque as nossas divergências podem levar a lugares de grandes reflexões. Sou Rozana, sou ativista da educação, ativista da luta antirracista, sou feminista, mais conhecido como feminismo popular, feminismo emancipatório. A luta que pensa não só na luta do povo como um todo, mas pensa em especial nas mulheres, nas mulheres negras, que estão inseridas nas estatísticas de desemprego, de fome, nas estatísticas de mulheres que ganharam metade do que os homens ganham no mercado de trabalho exercendo as mesmas funções. [...] Pensamos nas mulheres que são inclusive maioria no Brasil (Thiago Schutz [...], 2023).

Em outro momento, quando o apresentador coloca em pauta o significado de “macho *alfa* e macho *beta*”, Thiago diz que o homem tem um pouco dos dois, sendo o primeiro representante da independência e o segundo provisão e proteção, associado ao romantismo. O problema é quando o homem é mais *beta*, porque acredita que vai agradar às mulheres e não alcança o resultado esperado. Além disso, ape-

sar de Schutz não admitir que a Red Pill seja uma forma de supremacia masculina e ódio às mulheres, reforça que determinadas tarefas devem ser exercidas pelos homens, como o trabalho braçal, por um viés biológico, uma vez que o homem tem mais testosterona que a mulher.

Tai posicionamento pode ser colocado em xeque a partir dos argumentos de Foucault (1988), que estuda como a questão da sexualidade é uma construção social, cultural e histórica, inclusive as supostas clivagens entre o masculino e o feminino. Trata-se, conforme aponta Bourdieu (2002), de uma visão androcêntrica, que busca naturalizar a dominação masculina, como ocorre nas falas do influenciador em que defende que algumas atividades são biologicamente propícias ao homem. Isso se reflete, por exemplo, não somente em trabalhos braçais, mas no campo político, nos esportes, no mercado de trabalho de uma forma geral, em que se trabalha com a ideia de que é preciso ser mais racional e menos sensível, o que seria uma diferença também biológica entre homens e mulheres. As mulheres ainda são minoria na política, justamente pelos discursos misóginos, ocupando hoje, por exemplo, apenas 91 das 513 cadeiras do Congresso Nacional.

A representação teatral e as encenações midiáticas

No livro *A representação do eu na vida cotidiana*, o sociólogo Erving Goffman (2013) procura entender como se dão as interações cotidianas entre os indivíduos. O autor argumenta que os interlocutores encenam suas interações para obter maior controle sobre o outro. Isso se manifesta na entonação da voz, nos gestos e no cenário em que a interação ocorre. Atualmente, as contribuições de Goffman são fundamentais para entender, por exemplo, as encenações presentes no ambiente midiático.

No embate entre Schutz *versus* Rosana Barbosa, um dos primeiros pontos a ser destacado é a entonação da voz. Thiago Schutz que, em seus vídeos e postagens nas redes sociais,

assume posturas mais agressivas em relação às mulheres, ao ser colocado numa situação de confronto midiático, compartilhando o mesmo cenário com uma líder feminista, apresenta-se de uma forma bem diferente. Tanto os apresentadores quanto Rozana questionam o discurso calmo de Schutz, já que nas redes sociais o tom de voz é mais alto, os gestos são mais agressivos, e o vocabulário apresenta palavrões e ofensas. A justificativa do *coach* para isso é que, quando está sendo entrevistado apenas por homens – e nesse ponto também pode-se considerar quando grava para o público-alvo (grande maioria masculino) –, consegue se expressar livremente, mas quando conversa com mulheres, abaixa o tom, o que aponta considerar o feminino frágil demais para conversar e reforça a questão da agressividade como forma de socialização masculina apontada por Nolasco (2001).

Nesse contexto, é possível dialogar com as contribuições de Goffman (2013) sobre a vida social como uma teatralização. Na verdade, entende-se que até para buscar um certo domínio nas interações, os interlocutores buscam estratégias para acionar melhor as técnicas no diálogo. No caso de Schutz, estrategicamente, para tentar reforçar o discurso misógeno de que as mulheres são mais frágeis, recorre ao gestual e a própria entonação de voz. A postura calma e a voz baixa são formas teatrais usadas, primeiramente, para reafirmar o seu cuidado com o “sexo frágil”. Por outro lado, há, nesta interação, outra vertente machista em relação às mulheres de que, em caso de debates, tendem a ser mais agressivas e, muitas vezes, perdem o controle, o que apontaria para a suposta “histeria feminina”.

Nessa versão machista, os homens são racionais e conseguem ter frieza e controlar uma postura de serenidade, mesmo em embates como o que estava ocorrendo. Mas, no caso em análise, Rozana manteve-se também calma, mas assertiva em suas afirmações, o que descontrói essa perspectiva misógina. O próprio influenciador, surpreso com a postura da feminista, aproveita para elogiar Rozana, porque

achava que ela era extremista e não teria espaço de fala no programa. Ainda que com esse cuidado com a imagem passada para o público, Thiago expõe a misoginia presente em seu discurso. Ou seja, Thiago tem a sua estratégia anulada ao não se efetivar um tom agressivo da debatedora. Ao contrário, ela mostrou-se serena e aberta à interlocução, mesmo diante das falas misóginas do influenciador.

Cabe ressaltar que tal comportamento é estratégico para não ser “cancelado”, como no caso do Campari e da ameaça contra Livia La Gatto. O próprio Schutz sinaliza saber que a transmissão atinge, em determinado momento, mais de 17 mil pessoas, as quais podem não estar acostumadas com a machosfera. Argumenta que o bate-papo é uma oportunidade de desmistificar a Red Pill como um movimento agressivo. Há, de acordo com a perspectiva de Goffman, uma recorrência a diferentes máscaras sociais. Diante de um público predominante masculino, ele tende a tomar posturas mais agressivas e misóginas. No entanto, num debate midiático, com um público mais diversificado, precisava recorrer a uma outra representação, a de um debatedor calmo, inclusive no tom de voz.

Quanto ao cenário do *Morning Show* e ao perfil dos participantes, identifica-se uma situação construída com viés claramente misógeno em que Rozana Barbosa se vê sentada no sofá em meio a quatro outros homens que parecem combinar até mesmo o gestual de sentar – todos os quatro sentam com a perna cruzada e com as mãos sob as pernas, num claro movimento de sintonia masculina. Nos 35 minutos de debate, as falas de Schutz são cortadas de forma constante, em tom de brincadeira, revelando que a fachada aponta para uma certa infantilização, como se fosse o *Clube do Bolinha*, em que os homens, mesmo num debate sério, fazem piadas, interrompem o pensamento do debatedor, mas sem qualquer prejuízo à sua performance. Quando o foco é na fala de Rozana Barbosa, há uma mudança de fachada, em que o tom descontraído é substituído por um silêncio diante das falas da líder feminista.

Violência simbólica contra as mulheres e as questões sobre a sexualidade

Durante a exibição do programa, o influenciador afirma que o Red Pill não é contra as mulheres. Entretanto, quando questionado por Antônia Fontelle sobre a mulher de mais de 40 anos não servir mais para relacionamentos, na visão do movimento, Schutz escorrega e tenta fugir. Quando responde é etarista e misógino, pois estimula a rivalidade feminina ao dizer que as mulheres mais velhas se incomodam com os corpos das mais novas e que Fontenelle é uma mulher “fora da curva”, por aparentar ser mais jovem do que realmente é. O *coach* não diz que os homens devem procurar por mulheres mais novas ou com aparência mais jovem, mas essa é a mensagem que fica implícita.

Schutz também faz uma ressalva de que, diferentemente dos *Incel* e MGTOW, o Red Pill defende o interesse amoroso pelas mulheres, mas que sejam mulheres “certas”. Esse é o objetivo do movimento por meio dos pilares que considera essenciais: relacionamento, dinheiro e saúde, com foco na família. Cita, sem fonte específica, que de cada 10 divórcios, 7 são iniciados por mulheres, ou seja, elas que são as vilãs que não gostam de homens e praticam o ódio aos homens, a chamada misandria, que seria o oposto de misoginia. Rozana rebate o pensamento e cita estatísticas de violência contra as mulheres, espancadas a cada 10h ou 4h, de modo que o número de divórcios pode representar a libertação de tantas mulheres que passam por violência doméstica e/ou psicológica. Observa-se, novamente, como Rozana consegue desconstruir a visão naturalizada e misógina de que as mulheres não estão preparadas para o debate público, por serem muito emotivas. De forma serena, ela aciona dados para se contrapor a uma fala sem fundamentos comprovados do influenciador.

Quando a mulher é colocada neste papel de vilã, uma forma de violência simbólica (Bourdieu, 1998) enraizada, pois a mulher que é “a louca e histérica” (Foucault, 1988), o *coach*

posiciona-se como alguém para defender a perspectiva masculina, porque muitos homens têm sofrido com o uso errado de determinadas leis, que favorecem as mulheres, como a Lei Maria da Penha¹⁹ e casos de alienação parental.²⁰ Rozana alerta que a lógica Red Pill é pautada em uma inversão, pois casos em que há mau uso da Lei Maria da Penha, em um país tão violento contra as mulheres, como dados citados ao longo deste artigo comprovam, são a minoria. Pode-se também citar que a própria lei já foi usada para ajudar homens que passaram por situações de violência. Segundo reportagem da revista *Az Mina*,²¹ não há dados sobre o volume de denúncias caluniosas contra os homens. Assim, não é possível afirmar categoricamente que os homens são prejudicados pela Lei Maria da Penha.

Ademais, a Lei de Alienação Parental hoje é muito questionada e diversos profissionais defendem que seja revogada, porque homens que respondem por violência e falta de pagamentos de pensão alegam a alienação parental para que as denúncias de mulheres sejam enfraquecidas. Segundo o *podcast Café da Manhã*,²² um relatório do Conselho Nacional de Justiça de março de 2023 constatou o uso indevido da lei como estratégia de defesa. Além disso, existe um estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Tribunal de Justiça gaúcho, revelando que em cerca de 90% dos casos, as mulheres eram acusadas de alienação. Nota-se que os homens que se dizem encurralados pela existência de leis que protegem as mulheres articulam-se para tentar burlar as leis. Alguns homens do universo da machosfera, como di-

¹⁹ A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06) trouxe regulamentações específicas em relação à punição e tratamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres. A pena varia de um mês a 30 anos de prisão.

²⁰ A Lei de Alienação Parental (Lei nº 12.318/10) considera o ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.

²¹ *Az Mina* é uma revista feminista independente que nasceu em 2015 com um financiamento coletivo.

²² *Café da Manhã* é um *podcast* brasileiro mantido pelo jornal Folha de S. Paulo em colaboração com a plataforma de *streaming Spotify* que estreou em 1º de janeiro de 2019.

vulgado em entrevista para a *BBC News Brasil*, em maio de 2023,²³ têm apenas encontros filmados ou deixam câmeras escondidas em casa para evitarem serem enquadrados nas leis de violência e assédio contra a mulher.

O debate sobre gêneros vincula-se de forma recorrente à discussão sobre sexualidades, mesmo que não seja de forma explícita, até porque há um certo receio de falar sobre o assunto a partir do viés repressor da sociedade patriarcal. Durante a conversa que manteve com Fontelle sobre etarismo, Thiago menciona que o valor sexual de mercado da mulher é na faixa etária dos 22 aos 25 anos, pois chamam mais a atenção no quesito corporal. Embora Schutz ressalte a atenção dos homens para os corpos femininos mais jovens, acusa as mulheres de se colocarem como objetos para eles por meio do uso de roupas curtas e participação em plataformas como o OnlyFans,²⁴ onde fotos e vídeos íntimos são vendidos. Nesse aspecto, busca-se um corpo feminino que seja jovem e atraente, mas que esteja escondido do olhar de outros homens.

Fontelle também questiona a acusação feita por Vanessa de Oliveira (ex-garota de programa e *coach*), que teria sido raqueada por Schutz. Além de negar ter feito isso, ele afirma que Vanessa “pegou birra”, porque ensina os homens a não serem inocentes. Schutz deixa implícito o embate entre os conteúdos divulgados por Vanessa, que foca no empoderamento feminino, com dicas de relacionamento e autoestima que incluem a performace sexual, baseada em sua própria experiência como garota de programa durante cinco anos.

Mais uma vez, a mulher é vista como malvada e sem moral, pois quer se aproveitar dos homens e utiliza artifícios relacionados com a sexualidade para manter o interesse deles. Entra-se novamente na dualidade explorada por

Foucault (1988), busca-se o sexo, mas há todo um discurso de controle ao redor dele. Schutz reforça que ensina os homens a escolherem uma mulher não apenas pela aparência física, mas também pela inteligência e capacidade de desenvolver uma conversa. Não chega a citar a importância de ter tido poucos parceiros sexuais, de não ser mãe solteira ou, por exemplo, de não ter tatuagens. No entanto, ao programa, explora, ainda que de forma mais sutil, o estereótipo de gênero “bela, recatada e do lar”, ou seja, a importância do homem saber escolher a mulher certa, aquela que é “para casar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra o potencial nocivo do masculinismo, especialmente o movimento Red Pill, que busca controlar a liberdade e sexualidade das mulheres, através de julgamentos e atitudes misóginas. Além disso, também vai de encontro às expectativas opressivas do patriarcado sobre os próprios homens, que devem reprimir qualquer traço de fragilidade, considerado feminino. O movimento ainda mascara as condições desiguais das mulheres na sociedade e, com um hipotético viés biológico, tenta controlá-las, violentá-las e colocá-las num papel de submissão.

Ao trazer destaque para a machosfera, o artigo busca gerar reflexões sobre como o espaço conquistado pelas mulheres através das grandes guerras, desenvolvimento tecnológico e luta feminista abalaram o que é ser homem e o que é ser mulher. Os papéis bem delimitados pelo masculinismo e refletidos nas falas de Thiago Schutz são perigosos porque, através de discursos ora mais agressivos ora mais brandos, podem contribuir para uma geração de homens que cultive um desprezo pelas mulheres e que sejam mais violentos.

23 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=r69GA-ALUmDA>.

24 OnlyFans é um serviço de conteúdo por assinatura com sede em Londres, no Reino Unido. Criadores de conteúdo podem ganhar dinheiro de outros usuários do site que assinam seu conteúdo. É popular na indústria de entretenimento adulto, mas também hospeda criadores de conteúdo de outros gêneros.

REFERÊNCIAS

ARENT, Marion. A crise do macho. In: ROSO, Adriane; MATTOS, Flora Bojunga; WERBA, Graziela C. (org.); STREY, Marlene Neves (coord.). *Gênero por escrito*: saúde, identidade e trabalho. Porto Alegre: EdIPUCRS, 1999. p. 119-131.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

MANUAL Red Pill: os perigos do relacionamento (com Thiago Schutz) | Buteco Podcast #092. [Brasil: s. n.], 2023. Publicado pelo canal Buteco Podcast [RESERVA]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. (Trabalho original publicado em 1949).

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Trabalho original publicado em 1949).

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto. *IPEA*, Brasília, DF, 2 mar. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL Partido: em grupos da 'machosfera', homens debatem reação ao feminismo e técnicas de sedução. [Brasil: s. n.], 2023. Publicado pelo canal BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r69GAALUmDA>. Acesso em: 13 maio 2023.

BRUNA Volpi. *BREAKTUDO*, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.breaktudo.com/biografia/bruna-volpi/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BUTECO podcast [reserva]. Brasil, 2023. Canal no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ButecoPodcastLive/about>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-82, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 16 dez. 2024.

DUPUIS-DÉRI, Francis. Le "masculinisme": une histoire politiquevemu mot (en anverems et en français). *Recherches féministes*, [Canada], v. 22, n. 2, p. 97-123, 2009. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/rf/2009-v22-n2-rf3635/039213ar/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. [s. l.], 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>. Acesso em: 8 jan. 2024.

FOUCAULT, Michel A. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 77 p.

FREITAS, Darla Corrêa de; SAHIUM, Sara Langsdorff; PITANGA, Artur Vandrê. A masculinidade como construção social: um olhar analítico comportamental. In: SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIEVANGÉLICA, 5., 2020, Goiás. *Anais* [...], Goiás: Unievangélica, 2020.

ELITE Masculina. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://elitemasculina.com.br/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GARÓFALO, Nicolaos. Lilly Wachowski explica narrativa trans por trás de Matrix. *Omelete*, [s. l.], 4 ago. 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/matrix/matrix-metafora-transsexual-lilly-wachowski>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2013. 231 p.

LEAL, A. 'Processo ou bala': agora réu, Thiago Schutz pode ser condenado a até 6 anos de prisão por ameaça e violência psicológica. O Globo. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/processo-ou-bala-agora-reu-thiago-schutzpode-ser-condenado-a-ate-6-anos-de-prisao-por-ameaca-e-violencia-psicologica.ghtml>. Acesso em: 2 ago. 2023.

LIMA, Edgley Duarte de. *A produção de masculinidades na comunicação institucional da política de saúde do homem no Brasil*: entre fronteiras e sentidos. 2018. 145 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2018.

LÍVIA La Gatto: quem é a atriz e humorista conhecida por fazer sátiras e que acusa coach de ameaçá-la de morte. *Portal G1*, São Paulo, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/28/livia-la-gatto-quem-e-a-atriz-e-humorista-conhecida-por-fazer-satiras-e-que-acusa-coach-de-ameaca-la-de-morte.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2023.

LÍVIA La Gatto sobre ameaças de coach: 'Fico feliz que pelo humor eu tenha conseguido intimidar um homem'. *Revista Marie Claire*, [s. l.], 27 fev. 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/noticia/2023/02/livia-la-gatto-sobre-ameacas-de-coach-fico-feliz-que-pelo-humor-eu-tenha-conseguido-intimidar-um-homem.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MAGALHÃES, Lívia. O uso da Lei Maria da Penha como instrumento de vingança é um mito. *Revista AzMina*, [s. l.], 16 ago. 2017. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/o-uso-da-lei-maria-da-penha-como-instrumento-de-vinganca-e-um-mito/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

MATRIX. Direção: Lilly Wachowski; Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. 1 DVD (136 min).

MEDRADO, B. *O masculino na mídia*. Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

O QUE é a Lei Maria da Penha?. *Toda Política*, [s. l.], 2018]. Disponível em: <https://www.todapolitica.com/lei-maria-da-penha/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

O CHUSH Perfeito. Produção de Gal Buitoni. Brasil: Netflix, 2020. 6 vídeos (160 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81144196>. Acesso em: 1 out. 2023.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson*: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 318 p.

NORONHA, Heloísa. MGTOW, Red Pill, Incel, Sigma, Alfa: o que significam esses termos? *Portal Terra*, [s. l.], 10 mar. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/mgtow-red-pill-incele-sigma-alfa-o-que-significam-esses-terminos,54f26d36b87e9beb8599f756abe6370748f0erwp.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

OLIVEIRA, Rosane Cristina de; SILVA, Renato da. Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. *RevistaPhilogus*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81, p. 1609-1625, 2021.

PINK & Pill Podcast [Oficial]. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@pinkpilloficial>. Acesso em: 15 ago. 2023.

THIAGO Schutz e Rozana Barroso debatem sobre feminismo e relacionamento; confira na íntegra. [S. l.: s. n.], 2023. Publicado pelo canal Morning Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IC1dfMqUjuo>. Acesso em: 01 out. 2023.

SCHUTZ, Thiago. *O livro das red flags*. Salto: Expansão Masculia, 2021. 73 p.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. *Masculinismo*:

misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SILVA NETO, Wesley. Empresa processa ‘coach do Campari’ e pede que YouTube penhore pagamentos. *Portal Uol*, São Paulo, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/11/09/empresa-processa-coach-do-campari-e-pede-que-youtube-bloqueie-pagamentos.htm>. Acesso em: 8 jan. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis*: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006. 232 p.

THIAGO Schutz. *EverybodyWiki*, [s. l.], 2023. Disponível em: https://pt.everybodywiki.com/Thiago_Schutz. Acesso em: 22 jun. 2023.

THIAGO Schutz: quem é o coach que trocou de nome e é acusado por atriz de fazer ameaça de morte. *Portal G1*, São Paulo, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/27/thiago-schutz-quem-e-o-coach-apontado-por-ameaca-de-morte-contra-atriz.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2023.

TOMAZ, Kleber. Justiça de SP suspende por dois anos processo contra Thiago Schutz por ameaça e violência psicológica contra atriz e cantora. *Portal G1*, São Paulo, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/09/justica-de-sp-suspende-por-dois-anos-processo-contra-thiago-schutz-por-ameaca-e-violencia-psicologica-contra-atriz-e-cantora.ghtml>. Acesso em: 8 jan. 2024.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina; FARIAS, Victor. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. *Portal G1*, [s. l.], 8 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2023.

VENTURA em cortes [oficial]. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@VenturaemCortes/about>. Acesso em: 1 out. 2023.

VETTORE, Rebecca. O que é feminicídio e qual é a punição para esse crime? *Universa UOL*, São Paulo, 28 ago. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/08/28/o-que-e-feminicidio-e-qual-e-a-punicao-para-esse-crime.htm>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Carla Montuori Fernandes – Validação, Visualização, Escrita - esboço original, Escrita - revisão e edição.
Luiz Ademir de Oliveira - Conceitualização, Financiamento, Metodologia, Administração do projeto, Escrita - esboço original, Escrita - revisão e edição.
Ana Luiza Vieira de Moraes – Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - esboço original, Escrita - revisão e edição.

Carla Montuori Fernandes – Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). É líder do grupo de pesquisa Comunicação e Cultura nas plataformas digitais, cadastrado no CNPq. Coordena a Pesquisa Regular Fapesp “A desinformação com estratégia de poder e mobilização virtual”, processo n.º. 2024/04203-8. Suas mais recentes publicações são: *Jornalismo e violência de gênero: Análise dos ataques contra a jornalista Patrícia Campos Mello*. REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 7, p. 1-30, 2024; *Do discurso antipolítico a uma retórica de adesão ao establishment: as estratégias de Alexandre Kalil e Romeu Zema nas eleições de 2016 a 2022*. Revista Brasileira de Ciência Política - RBCP, v. 43, p. 1-35, 2024; *As contradições discursivas sobre a mulher no contexto político brasileiro.. Âmbitos (Sevilla)*, v. 1, p. 42-60, 2023.

Luiz Ademir de Oliveira - Doutor em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente e pesquisador do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Bolsista de Produtividade CNPq – Nível 2. Atua como líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania, que reúne docentes e discentes (de doutorado, mestrado e graduação UFJF e UFSJ, além de egressos) com o objetivo de realizar trabalhos de pesquisa e de extensão voltados para as possibilidades de contribuição da comunicação para o exercício da cidadania. Suas mais recentes produções tangenciam quatro eixos de investigação, sendo: (a) estudos sobre campanha permanente. (b) comunicação eleitoral - no HGPE e nas redes sociais; (b) pesquisas sobre discussões identitárias sob a ótica dos Estudos Culturais, focando na comunidade LGBTQIAPN+; (d) Ficção Seriada e Televisiva.

Ana Luiza Vieira Moraes - Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista CAPES. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Participa do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Identidade e Cidadania” e pesquisa temas ligados ao feminismo, masculinidades e violência simbólica.

**MASCULINISM AND MISOGYNY ON THE
*JOVEM PAN MORNING SHOW***

*Carla Montuori Fernandes
Luiz Ademir de Oliveira
Ana Luiza Vieira Morais*

**MASCULINISME ET MISOGYNIE DANS
L'ÉMISSION *JOVEM PAN MORNING SHOW***

*Carla Montuori Fernandes
Luiz Ademir de Oliveira
Ana Luiza Vieira Morais*

The article aims to problematize how misogynistic and sexist discourses spread through masculinist movements, such as the Red Pill. It starts with the concept of gender (Scott, 1995) and symbolic violence (Bourdieu, 2002), focusing on the history of sexuality (Foucault, 1988) and discusses a prelude to the concept of masculinity (Nolasco, 2001; Connel and Messerschmidt, 2013). The aim is to use the theoretical-methodological perspective of Content Analysis (Bardin, 2011) to try to identify the misogynistic and sexist discourse used by Thiago Schutz in the search to delegitimize women's autonomy, on the *Jovem Pan Morning Show*. The text identifies that masculinist speeches, such as those of Thiago Schutz, can incite hatred and violence against women and perpetuate gender stereotypes.

Cet article vise à problématiser la manière dont les discours misogynes et machistes se diffusent à partir des mouvements masculinistes, tels que la *Red Pill*. Il s'appuie sur le concept de genre (Scott, 1995) et de violence symbolique (Bourdieu, 2002), en mettant l'accent sur l'histoire de la sexualité (Foucault, 1988). Une réflexion préliminaire est également menée autour du concept de masculinité (Nolasco, 2001; Connell et Messerschmidt, 2013). L'approche théorique et méthodologique de l'Analyse de Contenu (Bardin, 2011) est mobilisée pour identifier le discours misogyne et sexiste utilisé par Thiago Schutz dans le but de délégitimer l'autonomie des femmes dans l'émission *Jovem Pan Morning Show*. Le texte met en évidence que les discours masculinistes, comme ceux de l'influenceur numérique Thiago Schutz, peuvent inciter à la haine et à la violence contre les femmes et perpétuer les stéréotypes de genre.

KEYWORDS: Masculinism. Misogyny. Red Pill. Symbolic Violence. Sexuality.

MOTS-CLÉS: Masculinisme. Misogynie. Red Pill. Violence Symbolique. Sexualité.